

Mitos e lendas das fontes transmontanas Myths and legends of the fountains of Trás-os-Montes



Francisca Fontes Reis
franciscafreis@hotmail.com

Prof. Ana Paula Soares e Romão
Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Bragança
paularomao5@gmail.com

Resumo:

O distrito de Bragança para lá de diversas qualidades tanto a nível gastronómico, paisagístico e cultural possui também um grande carácter histórico, nomeadamente recheado de lendas e mitos relacionadas com as fontes. Estas histórias mostram, igualmente, que no passado a crença em presságios era algo permanente, principalmente quando havia algo de mau a acontecer a sociedade tentava encontrar a sua salvação com algo visível, como a água.

Palavras-chave: *fontes, lendas, atualidade, crenças.*

Summary:

The district of Bragança beyond various qualities, landscaping, gastronomic and cultural ones, also has a great historic nature, namely full of legends and myths related to fountains. These stories also show that in the past the belief in omens was something permanent, especially when there was something bad happening, society tried to find their salvation with something visible, like water.

Keywords: *fountains, legends, timeliness, belief.*

75

Sobre o(s) autor(es)

Francisca Reis (16 anos) - aluna de 11º ano, na área de ciências socio-económicas, portanto a economia é um dos seus interesses principais e o curso que gostaria de seguir, de preferência na Universidade do Porto, o que seria uma grande realização pessoal. Participou na revista Adolescência pois acha “o projecto produtivo e educativo, e, sendo o meu artigo sobre a região transmontana pode ajudar a conhecer um pouco mais e melhor o nosso distrito.”

1. INTRODUÇÃO

Fazem parte do património cultural do nordeste transmontano os mitos e as tradições. Neste artigo debruçar-me-ei fundamentalmente nas lendas relacionadas com as fontes. Estas foram transmitidas de geração em geração, parte delas ainda integram nos rituais de algumas aldeias e freguesias.

A crença em lendas relacionadas com fontes é algo constante. Tendo-a como referência da origem do mundo e da vida, esta remonta à antiguidade, em que à sua volta foi concebido um fantástico culto que integrava nas atividades do quotidiano, moldando práticas, rituais, gestos e costumes.

Segundo Abade de Baçal, em “Memórias Arqueológico – Históricas do Distrito de Bragança. Arqueologia, Etnografia e Arte” (Alves, 1982, p.96, tomo IX), as águas possuem virtudes mágicas, curativas e através desta se refugiavam, banhando-se para ficarem assim purificados.

No entanto, “mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”, e com isto os hábitos vão sendo destruídos e perdidos. Felizmente ainda há quem conserve as tradições e se torne a voz destas, visível na obra do nosso conterrâneo Abade de Baçal “Memórias Arqueológico – Históricas do Distrito de Bragança. Arqueologia, Etnografia e Arte”.

O artigo apresentar-se-á numa divisão sequenciada e detalhada de algumas das freguesias existentes no concelho de Bragança.

2- CARACTERIZAÇÃO DAS FREGUESIAS POSSUIDORAS DE FONTES QUE CONSTITUEM O CONCELHO DE BRAGANÇA

2.1 Freguesia de Alfaião

Situa-se a cerca de 6 km para sudoeste da cidade de Bragança, é banhada na sua faixa oriental pelo rio Sabor. A sua população tem vindo a diminuir desde os meados do século, altura em que se registavam 331 habitantes.

O Abade de Baçal e outros seus contemporâneos afirmam que na sua existência haviam dois diferentes povos em Alfaião, localizados, um deles, no chamado “Castelo das Freiras” e o outro no “Alto da Veiga” ou “Vale de Castro”. Contudo, pouco se sabe quanto à origem da freguesia, uma vez que os primeiros documentos a referi-la são dos meados do século XIII.

Entre o património notório local é encontrada a Igreja Matriz, a Capela de S. Sebastião e a Capela de Nossa Senhora da Veiga.

76

2.2 Freguesia de Castro de Avelãs

Freguesia famosa pelo seu património arqueológico, Castro de Avelãs dista de Bragança, 6 km. A freguesia é sulcada por um minúsculo afluente do Sabor, a Ribeira da Fervença e embora não esteja incluída no Parque Natural de Montesinho é possuidora de uma brilhante paisagem. Devido à sua proximidade da cidade brigantina, a sua população tem vindo a aumentar notoriamente tendo 460 habitantes.

São numerosos os achados epigráficos da época romana, nomeadamente umas sete estelas funerárias, três marcos miliários e três aras votivas deixadas pelo povoado fortificado. Este material encontra-se, actualmente, depositado no Museu Abade de Baçal. Na segunda metade do século XI, foi fundada uma casa conventual, que actualmente se encontra em estado de verdadeira ruína e profundamente adulterada pelas sucessivas remodelações, porém foi classificada como “Monumento Nacional” em 1910.

2.3 Freguesia de Espinhosela

Dista da cidade de Bragança 14 km e está integrada no Parque Natural de Montesinho. Espinhosela é uma grande possuidora de fragmentos de paisagem serrana, banhada junto aos limites ocidentais pelo afluente da margem esquerda do rio Tuela – o Rio Baceiro, considerando como um bom rio truteiro.

As prospecções arqueológicas, apontam para a existência de dois acordos castrejos: o da “Fraga do Corvo” e o de “Casarelhos”. Tem actualmente 410 habitantes e esta contém as povoações de Terroso, Cova de Lua e Vilariño. Cova de Lua é conhecida pelo popular “Arco da Senhora da Hera”, que é o resto de um arruinado templo, possivelmente tardo-medieval e invocado à Senhora da Hera.

2.4 Freguesia de Izeda

Situa-se a 40 km da cidade de Bragança, e é uma das grandes freguesias do concelho, com maior história e tradição. Nos finais do século passado mostrava-se bastante decaída, no entanto começou, paulatinamente, a recuperar e nos anos 60 estava renascida, devido a diversas iniciativas de modernização: a electrificação, calcetamento das ruas, obras de cooperação, educação e assistência. Através desta renovação, Izeda foi premiada com a elevação a vila em 13 de Julho de 1990. Há notícias de Izeda como um centro desde os primórdios da monarquia portuguesa, mas as suas origens provêm dos tempos pré-romanos.

No século XVI, a Câmara Municipal de Bragança discriminava Izeda, obrigando-a a pagamentos superiores aos de outras povoações, naturalmente devido a ser a maior e a mais rica.

No sector cultural, a freguesia conta com o ensino a nível pré-primário, primário e secundário, a par de colectividades desportivas e recreativas. A Igreja Matriz, edificada em 1757 é um templo barroco que pelos seus atributos é apelidado de “Catedral” pelo bispo diocesano. Outro valor arquitectónico desta aldeia é a velha ponte romana sobre o Sabor, antiquíssima, em que as suas marcas são características impostas pelos romanos às suas pontes.

2.5 Freguesia de Parada

Fica no concelho de Bragança, a 20 km da cidade e tem cerca de 666 habitantes. (Câmara Municipal de Bragança) É um dos mais importantes povoados do concelho devido não só às tradições como à fertilidade do solo cultivável, pela exuberância pecuária e florestal, dando destaque à castanha e pela riqueza das minas de estanho e volfrâmio. O seu nome vem do Português Medieval, segundo Abade de Baçal, e resulta da combinação do foro de parada e do distintivo de infanções, altamente honorífico e que usavam durante a primeira monarquia, apenas os netos dos reis.

2.6 Freguesia do Parâmio

Dista 18 km é composta pelos lugares de Parâmio, Fontes Transbasseiro, Maçãs e Zeive e faz parte do Parque Natural de Montesinho. É delimitada pelo concelho de Vinhais, pelo Rio Baceiro e pela Ribeira de Ferragosa.

Estima-se ter nascido na época romana, tendo em conta os vestígios arqueológicos encontrados na área da freguesia.

É possuidora de um bom estatuto económico, baseado na agricultura essencialmente de cereais e castanhas, sendo um solo muito rico. É também notável a criação de gado diverso. Sendo isto resultado de condições pecuárias quanto ao clima, “Terra Fria”.

E termos populacionais tem sofrido variações, (Câmara Municipal de Bragança) tendo descido de 809 para 400 habitantes entre a primeira metade do século XIX para a actualidade.

Quanto ao património edificado, arqueológico e cultural permite a descoberta não apenas da história como da origem e da cultura dos passados. Tem como vista obrigatória a Igreja Matriz, Igreja das Maçãs, Igreja das Fontes, os moinhos de água, as fontes de mergulho, entre outros monumentos.

2.7 Freguesia de Quintanilha

Dista de Bragança 31 km e tem cerca de 328 habitantes (Câmara Municipal de Bragança) entre as povoações de Quintanilha, Refega e Veigas. É uma povoação bastante antiga e estima-se que tenha sido habitada pelos romanos pois há indícios que as minas de chumbo tenham sido exploradas por estes.

O Castro da Refega e de Quintanilha e o de Quintanilha são a prova da existência de dois antigos povoados fortificados da Idade do Ferro, fazem parte portanto da arqueologia local.

Para lá da igreja matriz, possui a ermida da invocação de Nossa Senhora da Ribeira.

A localização do templo existente e a sua paisagem rara concedem-lhe um carácter peculiar, independente, materializado na sensibilidade das suas gentes, em vestígios antigos.

Nota-se nesta freguesia um aproveitamento do recurso essencial à vida, a água, pois nesta há grandes rasgos de cursos de água, em destaque os do Rio Maças e a Ribeira da Caravela. Tira-se o proveito deste recurso com a recorrência menos frequente aos moinhos de água mas com a grande exploração das moagens eléctricas.

2.8 Freguesia de Santa Maria

Santa Maria é umas das duas freguesias que integram a cidade de Bragança, com cerca de 3240 habitantes (idem, ibidem)

Dentro do conjunto de raiz medieval encontra-se a famosa Domus Municipalis, que é um precioso único exemplar da arquitectura civil portuguesa do século XIII. De estilo românico, foi construído para servir de cisterna, posteriormente transformado a Paços do Concelho. No castelo, a torre de menagem mostra na fachada principal a pedra de armas da Casa de Avis. Quanto à Torre da Princesa é um melhores miradouros da cidade, e por último a igreja de Santa Maria, é de origem românica mas com um traço barroco com o restauro do século XVIII.

3- Lendas e Costumes sobre Fontes do Concelho de Bragança

3.1 Freguesia de Alfaião

Fonte dos Banhos

No termo de Alfaião há “duas fontes, a que chamam fontes dos banhos, com singularidade particular nas suas águas; porque a da que fica junto do caminho se tem experimentado, que as crianças engaranhadas, banhando-se nela, saram do achaque. A que fica mais vizinha às pedras do monte tem a singular propriedade de curar as feridas, lavando-se com ela alguns dias, por cuja causa são frequentadas por muita gente” (Alves, 1982, p.104)

3.2 Freguesia de Castro de Avelãs

Fonte do Penso

Segundo o povo desta aldeia, esta fonte tem duas particularidades, serve para curar doenças de pele, como é referido por Francisco Manuel Alves “Goza de fama em moléstias cutâneas” e estima-se que antigamente os recém-nascidos com doenças raquíticas eram ali levados.

78 De acordo com uma residente da freguesia de Gostei, os bebés eram levados pelos pais e banhados na água da fonte, depois regressavam a casa sempre por um caminho distinto ao percorrido na ida para a fonte.

3.3 Freguesia de Espinhosela

Fonte dos Casarelhos

Muito perto da Senhora da Hera, há um tanque velho de águas medicinais muito eficazes sobretudo para males relacionados com a pele. Desde tempos remotos, as pessoas recorriam a esta como remédio.

Fonte dos Gatos

Situa-se na aldeia de Cova de Lua. Antigamente era a única fonte da aldeia e a sua água era considerada muito boa.

Um dia um homem, por malandrice, afogou na fonte dois ou três gatos e a partir daí, como havia muitos gatos na aldeia, as pessoas quando estes nasciam afogavam-nos na fonte, daí o seu nome “Fonte dos Gatos”.

3.4 Freguesia de Izeda

Fonte das Águas Ferradas

A água desta nascente deve beber-se devagar, pois segundo um seu habitante, se o contrário suceder, a pessoa ficará com muita fome. Também é dito que não pode ser bebida sem ter comido algo antes, pois se isto ocorrer

o indivíduo começará a sentir dores de estômago.

3.5 Freguesia de Parada

Fonte de S.Lourenço

Segundo um testemunho vivo, na aldeia de Paredes existe uma fonte que na noite de 10 de Agosto se diz ser milagrosa e curativa. Atrai dezenas de pessoas e ela, estas com o objectivo de se lavarem nesta água, nessa noite, e encherem garrações para levar para casa.

3.6 Freguesia de Parâmio

Fonte de S.João

Situa-se junto à aldeia de Mações e é possuidora de uma água milagrosa, designada de Fonte de S.João devido a este ser o patrono da aldeia.

Na noite de 24 e 25 de Junho, juntam-se habitantes de diversas aldeias, cerca da meia-noite e celebram a missa em honra do seu protector. Depois desta celebração, os devotos banham-se na água da respectiva fonte e enchem garrações para consumir em suas casas. É dito que cura os males de pele, no entanto apenas é milagrosa nessa noite.

Fonte do Caílo

Foi recuperada pela Junta de Freguesia e tem uma lenda curiosa. Ali são levados os recém-nascidos que tenham (em linguagem popular) as pernas cruzadas, ou seja, que a sua locomoção apresenta dificuldades, é limitada. Os bebés devem ser trazidos pelos pais e pela madrinha e são assim banhados com esta água por eles. É rezada uma oração específica e são depositadas ali as roupas que o bebé trazia vestidas. Como no Castro de Avelãs, as pessoas mudam o rumo de regresso a casa.

3.7 Freguesia de Quintanilha

Fonte da Ximena

Na aldeia de Veigas, existe uma fonte onde D.Ximena, segundo a Nova Enciclopédia Portuguesa, “dama castelhana prima de D.Afonso VI e casada com Cid”, quando vinha de Espanha se sentou debaixo de uma castanheira que havia junto a uma fonte. Esta fonte passou a chamar-se “Fonte da Ximena”.

O povo diz que esta água é muito boa para curar problemas de rins.

3.8 Freguesia de Santa Maria

Fonte do Conde

É uma fonte de mergulho que tem duas pias juntas protegidas por pedras de granito. Estas têm duas bocas que deitam água para uma outra maior. Fica situada para além do rio em relação ao castelo e encontra-se nas terras denominadas “do Conde”. Estas águas são conhecidas como “medicinais para expelir as pedras e areias da Bexiga”, segundo Francisco Manuel Alves (1982, p.97).

Fonte do Jorge

É feita em cantaria, com uma espécie de colunas esculpidas no granito. Tem duas bocas e uma delas é uma pia baptista onde canta a tradição que ali foi baptizado um rei, e a sua aparência alude às pias existentes nas sacristias das igrejas. Estas águas, segundo Francisco Manuel Alves, são conhecidas como “medicinais para expelir as pedras e areias da Bexiga”.

CONCLUSÃO

Tudo aquilo que se conhece hoje relacionado com a riqueza da Cultura Popular, deve-se somente ao povo ter transmitido os seus antepassados de geração em geração. O património das fontes é uma antepassada herança, onde homens trabalharam, marcando talentosamente o seu percurso. São o testemunho vivo de tradições multisseculares e, o referencial que identifica o povo. São a herança com que se faz história, documentando épocas, ideias, conceitos e a caracterização dos povos, a nossa maior riqueza. Verificamos que fracções deste incrível património se encontram em desprezo. A necessidade de restauros, que se vão improvisando, embora bem intencionados, desvirtuam a sua traça. Durante centenas de anos as fontes tinham uma grande função social. Para lá de satisfazer o abastecimento de águas às populações, eram um lugar de encontro e convivência das pessoas, apareciam também com o objectivo curativo e lendário que servia o povo.

As fontes e as suas lendas e tradições serão a uma relíquia a sempre recordar e transmitir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1999). Paços de Ferreira: Anégia Editores.
- Alves, F. M. (1982). *Memórias Arqueológico – Históricas do Distrito de Bragança. Arqueologia, Etnografia e Arte.*. Bragança: Tipografia Académica.
- Câmara Municipal de Bragança. (s.d.). *Juntas de Freguesia*. Obtido em 15 de Abril de 2012, de Câmara Municipal de Bragança: <http://www.cm-braganca.pt/files/1/documentos/20090622173324832383.pdf>
- Gil, J. &. (1984). *As mais belas Vilas e Aldeias de Portugal*. Lisboa: Edições Verbo.
- Nova Enciclopédia de Portugal. (1992). Lisboa: Edições Ediclube.
- Pacheco, H. (1985). *Património Cultural Popular 1 (o ambiente e os homens)*. Porto: Edições Areal Editores.
- Pires, J. V. (1992). *Por Terras de Cova de Lua*. Bragança: Escola Tipográfica.